



CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA RIO BRANCO  
Unidade de Ensino Instituto Rio Branco

# **Concurso de produção textual**

## **Textos vencedores**

**Mostra literária**

**2021**

6º ano

## **Cookies, um bom ouvinte**

Bruno Staevie da Silva

A pandemia já tinha mexido com a minha cabeça, lá pelo meio da quarentena já estava até conversando com meu cachorro, Cookies. Estávamos perto do quiosque, eu na rede e ele deitado no chão. Então comecei a falar: "Ei Cookies, eu queria saber se tu acha que as pessoas estão se cuidando nesta pandemia." Ele não latiu, então eu continuei: "Porque eu acho que não, tu viu as pessoas fazendo festinha por bobeira, isso no meio de uma pandemia?!"

Eu na minha mente achava que tudo seria uma maravilha, sem escola e todo mundo se cuidando, mas não foi bem assim. Então lembrei dos hospitais: "Na televisão, aparentemente, muitas pessoas morreram por causa da Covid, é muito triste, pois uma pessoa que pega a doença transmite para mais de cinco, e assim por diante e por isso que se espalha muito rápido o vírus."

Pelo que eu sei, tem gente que acha que os cientistas inventaram a covid, fizeram em laboratório: "Mesmo se fossem os cientistas que inventaram, por que iriam matar pessoas da própria família? Se for algum cientista que criou a Covid, deve ser um maluco para fazer isso." Cookies latiu duas vezes, acho que ele concordou com minha linha de pensamento.

Então desci para ver o que tinha para comer, minha mãe disse: "Ei, Bruno queria saber se tu vai ler teu livro agora." Eu respondi: "Eu vou ler de noite, mãe." Ela disse que iria fazer um lanche para mim depois, daí voltei para a rede e chamei o Cookies de novo.

Eu sem coisa a mais na minha cabeça para falar para o Cookies, decidi contar das minhas mudanças. Então eu disse: "Mas sabe, Cookies também notei que eu evoluí e mudei nessa pandemia, estou mais organizado com as minhas atividades escolares e também notei que eu cresci muito, acho que meus colegas vão notar a diferença quando nos encontrarmos pessoalmente de novo." Daí minha mãe me chamou: "Bruno, o lanche tá pronto!" Eu, com minha mania de

falar isso, disse: "To indo mãe!". Então dei tchau ao Cookies e fui lá embaixo pegar meu lanche. Ele balançou o rabo algumas vezes, coisa que ele faz quando está feliz. Acho que ele gostou da nossa conversa.

**7º ano**

### **Crônica de mim mesma**

Amanda Thiesen Davila

Mais um dia nessa quarentena se passa e eu aqui mofando nas aulas on-line. Estou em casa de pijama, pensando na vida e em como ela está desajeitada e eu apenas existindo. Logo me distraio:

- Menina, mas se tu tivesse metido um exercício, uma dieta nesse corpo, tua autoestima estaria melhor.

- Nem venha me culpar, eu achei que ia durar duas semanas, mas pelo jeito não!

Lá vem ela me culpar, ela está sempre aqui e vocês sabem como ela se chama: é ela mesma, a consciência! Nesse momento de delicadeza social, eu me distanciando de tudo e todos e ela não larga do meu pé. E o pior de tudo é que nada dela escapa.

- Menina, tu ficou sabendo que já estão se vacinando? E aquele trabalho lá de Matemática já fez?

- Sabia da vacina, mas o trabalho não! Será que já completou um litro de sangue de tanto que furam os dedos das pessoas para esse teste rápido?

- Nossa que aleatório! Às vezes você me surpreende com esses pensamentos. Por que não fala com seus amigos por vídeo chamada? Vai que algum deles ficou bonito...

Mesmo se estivessem bonitos não dá pra se ver. E o pior é que nem peço opinião, mas ela dá. Acho que ela dá muito pitaco na minha vida. Ela tem instinto de velha fofoqueira, daquelas que fazem plantão na janela para fofocar.

- Nem venha falar de mim. Olha o respeito! Eu te ajudo a não passar vergonha, a não fazer bagunça. Às vezes te critico, mas eu não sou velha fofqueira. Aliás, você viu a Cleide? Menina, ela teve uns quatro filhos, dois em cada ano da pandemia!

- Depois vem falar que não faz fofoca. Mas sim, eu vi! Haja coragem dois pares de gêmeos tadinha! Eu não aguento meus irmãos. Tô louca de ficar em casa só com eles. A última vez que saí de casa, eu nem me lembro, mas quando eu saio eu fico desconfortável, tipo eu não sei se tem Corona ou não tem. Mas aquela máscara é uma santa!

- Rapariga, tu não me engana, não! Tu fica desconfortável com a máscara e agora fala que não sai de casa sem ela?! Tu já teve que ficar no carro porque esqueceu a bendita máscara...

- Tá bom eu só queria pagar de boazinha e não de esquecida, mas já que tu não deixa nada escapar... Agora eu vou ter que dizer tchau. Tenho uma aula, diferente de algumas pessoas que ficam só à toa se aproveitando de quem quer se concentrar.

- Tá bom, então, tchau, mas esse assunto não acaba aqui, boa aula!!!!

## **8º ano**

### **Quando os abraços voltarem**

Caroline Steigleder

São exatas sete horas da manhã, de uma segunda sem graça. Eu estou dentro do carro, mas em meio a tanto silêncio, posso ouvir as rodas fazendo um barulho enquanto me levam para um destino, que eu nem sei ao certo, qual é. Talvez não fosse tão chato se ao menos eu conseguisse respirar dentro daquela azul e triste máscara. Entre um leve sorriso por fora e um vazio por dentro, minha

única opção de diversão, é olhar pela janela as lindas paisagens que aparecem depressa pelo caminho.

Faz mais de um ano que preciso viver dependentemente da internet e de sorrisos que a tela fria do meu computador mostra. Sinto falta da minha família! Não a família com tio e tia, mas sim da minha família com um pouco mais de vinte pessoas. A família que eu convivia por mais de sete horas por dia, a família que me fazia sorrir nos momentos menos oportunos, a família que me viu crescer verdadeiramente, com erros e acertos.

As músicas que passam repetidamente no meu celular, me lembram o cheiro dos livros mais antigos da prateleira do ensino médio, eram ótimos livros! Porém minha mais forte lembrança, é a sensação de me refugiar na biblioteca, em dias chuvosos. Eu simplesmente pegava qualquer livro para fingir estar lendo. Só que na verdade, eu queria apreciar o barulho gostoso das gotas de chuva batendo no vidro.

Em minha cabeça, lembrar dos meus dias bons, me afasta das notícias tenebrosas que me fazem ter cada vez menos esperança de uma possível volta. Volta dos sorrisos, volta dos dias iluminados e cheios de conversas ingênuas com a turma... A volta da vida! Parece ser simples falar isso da boca para fora, mas lá dentro, tem um coração que quer jogar esse sentimento para fora. Então rapidamente, sinto uma trilha molhada descendo dos meus olhos até o fim do meu rosto, onde ela poderia finalmente ser livre.

Minhas memórias vagam minha mente. Elas me fazem querer voltar no tempo e poder simplesmente expressar todos meus sentimentos, liberar as coisas ruins e esquecer nosso presente. Porém eu irei sempre aguardar, o tempo que for preciso, para me sentir viva novamente. Irei guardar minha última e mais forte esperança, para o ilustre dia em que irei me sentar e lembrar de memórias criadas hoje! Criadas agora nesse mundo atual. Irei guardar minha última lágrima, para que ela caia no dia certo, em forma de felicidade. Consegue adivinhar que dia será esse? Quando os abraços voltarem!

9º ano

## Quem conta sua história?

Júlia Bueno

Eu era mais nova do que você é agora quando a história esteve de olho na gente. Quase esqueci que ainda podia sentir. Eu cresci dentro de casa. Me tranquei e engoli a chave. Mas estava tão cansada. Cansada dos meus próprios pensamentos, da minha própria cara, dos meus olhos quadrados de telas quadradas. Tudo perdeu a cor. Eu perdi a cor. Todos estávamos vivendo no automático. Criamos caminhos de luz e tormento. Apenas existíamos. Eu ouvia os panelaços das ruas, os aplausos, mas precisei me esconder. Ainda não tínhamos aprendido a dar adeus. Mas esse mês nos ensinou. Agora, quando caminhamos na praia de manhã, sentimos o cheiro do verão. Sentimos as texturas das mãos, os raios de sol, as pegadas na areia, as pontas dos dedos. Deixamos a tristeza nadar para longe.

Começamos a ter pressa. Intensidade em cada toque, palavra, em cada olhar. Pintamos as memórias, criando um recomeço. Amamos. Choramos. Sorrimos. Nem que seja por um dia. Ansiosamente.

Intensamente. Pois de que adianta se não for assim? Lembramos como sorrir. Será a última vez? Hoje, sentimos o prazer de deixar esse ar fresco invadir nossos pulmões sem disfarce. Máscara. Tivemos tempo para conhecer nossa própria alma. E então até o choro virou melodia. Pudemos ter horas de imersão no mar do sentir. Nada voltou a ser como antes, de fato, pois não somos mais os mesmos.

Vivemos sabendo que cada dia é único, observando cada detalhe que antes não nos captava. Passamos a mão no corrimão depois de tanto tempo. E vemos nossos dedos vermelhos e quentes no corrimão de ferro. Entendemos que não basta apenas o viver. O importante é estar presente, por isso agora amamos mais. Amar é estar presente. Passamos a nos importar com quem vive, quem morre e quem conta suas histórias. Pois hoje, entendemos que a morte não discrimina. Ela nos vê com todos os nossos erros, e não separa pecadores de santos. Quando você se vai, quem se lembra do seu nome? Quem mantém

sua chama acesa? Quem conta sua história? Será que foi preciso toda essa confusão para trazer nossas pessoas de volta? Bom, no fim de tudo aprendemos que talvez a gente precise ficar doente antes de começar a se sentir melhor.

## **1ª Série EM**

### **Além do olhar**

Yasmin Muniz

Dizer que todas as vidas importam  
Seria hipocrisia  
Todo dia uma crueldade diferente,  
Onde está essa tal empatia?

Saia na rua e note  
A discriminação no ar  
Enquanto uns são humilhados  
Outros querendo se aproveitar

Desigualdade social  
Um mora na rua  
Outro numa mansão  
Essa é a tal falcatrua

Teoria não resolveria  
Uma raiz que nunca foi morta  
Então não concorde, nem sorria  
Para o resultado da nossa tirania

Brasil, é hora de acordar,  
Usar nossa inteligência

Pare um pouco de julgar  
E faça logo a diferença

Amor não deixa de ser amor  
Apesar dos problemas  
Ser humano não deixa de ser humano  
Apenas de suas diferenças

## **2ª Série EM**

Clara Chao

Me xingaram pela pele amarela.  
Disseram que eu deveria mudar, mexer aqui e ali no meu rosto pra mudar meus olhos puxados.

Xingaram minha mãe pelo sotaque chinês.  
Negaram um emprego e a olharam como um animal selvagem que invade uma cidade.

A tristeza nos olhos dela nunca foi tão clara para mim.  
Lembro-me do jeito que ela me abraçou contra si no sofá surrado de casa e chorou até encharcar meu ombro.

Eu não entendia na época, mas quando me xingaram pelo sotaque, entendi.  
Compreendi todos os esforços e lágrimas que ela derramou.

Não podíamos voltar para a China, mas ficar ali era sofrido.  
Esse país nos espancava e parecia se deleitar com nosso sofrimento.

Se ao menos eles pudessem ser o que sou.

Talvez, assim pudessem ver o quanto sangro, o quanto corro em círculos para fugir da minha identidade.

Felizmente, sempre falho, pois sempre me acho.

Quem sabe assim sentissem essa dor que me dilacera o peito.

Porém, talvez minha vida seja apenas isso:

Sentir-me oprimida por ser diferente e talvez esteja tudo bem.

Mesmo com tantas ofensas, talvez, ainda me ame.

Talvez seja apaixonada pela melancolia que é ser eu.

### **3ª Série EM**

Laura Bombassaro

O filme britânico “A Garota Dinamarquesa”, retrata a vida de Lili Elbe, uma pintora transexual que enfrenta o preconceito da sociedade de 1920, por ser uma das pioneiras a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo. Apesar de se passar no século passado, a narrativa, infelizmente, não (se) destoa da atual realidade brasileira, haja vista as recorrentes discriminações direcionadas a essa camada da população. A instabilidade emocional, bem como o desenvolvimento de transtornos mentais são efeitos de tais ações desprezíveis.

Inicialmente, cabe destacar que a humanidade ainda vive em uma comunidade patriarcal e conservadora, em que a sexualidade distinta da heterossexualidade não é aceita de forma pacífica. Dessa forma, os transgêneros sofrem com a desigualdade de tratamento, ameaças, além de agressões físicas, que geram instabilidade emocional e minimizam a autoestima. Segundo uma pesquisa realizada pelo defensor público, João Paulo Carvalho Dias, estima-se que o país concentre 82% de evasão escolar de travestis e transexuais, principalmente pelo bullying e insegurança em se relacionar com os

colegas. Assim, percebe-se que essas complicações geram impasses na qualidade de vida desses indivíduos.

Deve-se analisar, ainda, que mesmo que a transsexualidade não seja mais considerada uma doença pela Organização Mundial da Saúde, o estigma associado a essas pessoas ainda está presente no tecido social. Desse modo, a intolerância e violência não só geram o medo de assumir a identidade de gênero, como também a depressão, ansiedade e pensamentos suicidas. De acordo com um estudo elaborado pela revista *The Lancet*, 60% da população transgênero demonstra ser portador de transtornos mentais.

Fica evidente, portanto, que essa é uma situação grave que exige atenção ostensiva para que seja modificada. Faz-se necessário, dessa forma, que o Ministério da Educação crie programas de capacitação para que os profissionais da área possam informar e orientar as famílias e os alunos, a fim de conscientizá-los sobre a tolerância à diversidade e o respeito às identidades de gênero. Ademais, é imprescindível que o Legislativo elabore políticas públicas para a inserção social dessas pessoas. Só assim, os atos preconceituosos ficarão apenas na ficção e a igualdade prevalecerá acima de qualquer padrão.